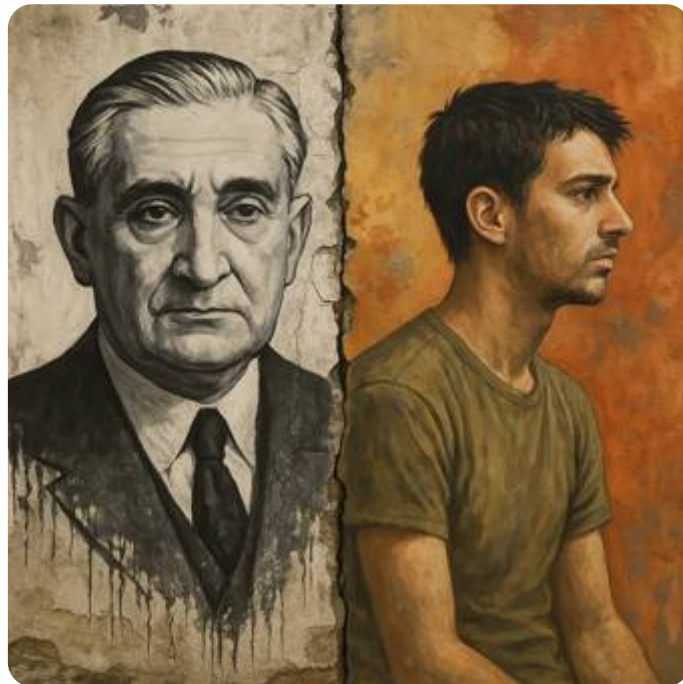


Do Silêncio à Ilusão: Crónica de Portugal entre Salazar, Abril e Hoje

Publicado em 2025-06-01 11:13:00



por Augustus Veritas

Durante quarenta e oito anos, Portugal viveu de joelhos.
Não por fé, mas por medo.
Não por convicção, mas por hábito.
Chamava-se Salazar. Um professor de finanças que fez da
contenção uma cruz, do silêncio uma lei, e da submissão uma
pátria.

As ruas estavam limpas, diziam alguns.
Mas os cérebros, esses, estavam trancados.
As palavras, vigiadas.
A curiosidade, castigada.
As janelas podiam abrir-se... mas as ideias não.

O Regime do Medo

Era um país rural, pobre, analfabeto.

Os homens partiam — para a guerra ou para a emigração.

As mulheres ficavam — com os filhos, com a fome, com o rosário.

Os jovens serviam a pátria em África, mas **não sabiam porquê.**

O regime vendia estabilidade...

Mas era a estabilidade do tumulto.

Da censura.

Do lápis azul.

Do PIDE na esquina.

Portugal era um país de sombras longas e horizontes curtos.

Com um ditador sentado em Lisboa,

e milhões de almas caladas de norte a sul.

O Dia em que o Cravo Floriu

Veio então o **25 de Abril de 1974.**

Um dia como poucos: de espanto, de canções, de fardas sem sangue,

e de esperança a correr nas ruas como se a liberdade fosse uma criança solta pela primeira vez.

Foi a madrugada que acordou um país inteiro.

Um país que aprendeu a dizer "não",

a gritar "sim",

e a descobrir que podia sonhar em voz alta.

Vieram conquistas reais:

- A **democracia representativa**, com partidos e eleições livres.
 - O **SNS**, que tratou todos com dignidade.
 - A **escola pública**, que ensinou a ler até os netos dos analfabetos.
 - A **liberdade de expressão**, que transformou o silêncio em imprensa.
-

Mas depois... o sonho cansou-se

Vieram os partidos, os cargos, as manobras.

A liberdade virou **tática eleitoral**.

O Estado tornou-se um **banquete de clientelas**.

A pobreza foi disfarçada com estatísticas.

O povo foi trocado por "eleitorado".

A democracia virou rotina.

A indignação, entretenimento.

A esperança, **um produto em saldos**.

E Portugal, esse país que devia ter florescido como um carvalho velho e livre,

voltou a ser pasto para os **mesmos vícios de sempre**:

- Dependência externa
- Corrupção envergonhada
- Subserviência burocrática
- Fuga de cérebros

Hoje vivemos num país onde há liberdade de falar,
mas **pouco espaço para ser ouvido**.

Portugal Hoje

É um país que vive da memória do cravo, mas com raízes presas na terra pobre da resignação.

Onde os jovens voltam a emigrar, como no tempo dos barcos.

Onde os velhos sobrevivem com pensões que insultam a dignidade.

Onde se diz que somos europeus — mas não se vê futuro nas ruas da Beira, do Alentejo ou de Trás-os-Montes.

A democracia venceu a ditadura.

Mas ainda não venceu **a mediocridade**.

E Agora?

Portugal precisa de uma nova revolução.

Não de tanques — mas de consciência.

Não de militares — mas de cidadãos.

Uma revolução do espírito, da ética, da criação.

Porque Abril não pode ser só uma data com discursos e hinos.

Tem de ser **um verbo vivo**.

Um projecto inacabado.

Uma promessa que exige luta —

mesmo hoje,

sob um regime que se diz democrático,

mas tantas vezes governa como se os cravos fossem apenas decoração.

Artigo de Augustus Veritas

Imagem cortesia de OpenAI (c)